



IMPACTO DA CRISE FINANCEIRA DE 2008/2009 NOS PRINCIPAIS BANCOS DE CAPITAL ABERTO NO BRASIL

JUNIOR, Wilson Mouro Rodrigues. TCC, Ciências Contábeis, Fecilcam, wilsonrojunior@hotmail.com

SANTOS, Marcelo Costa dos. TCC, Ciências Contábeis, Fecilcam, marcelocosta1210@hotmail.com

FERREIRA, Jorge Leandro Delconte (OR), Fecilcam, agroferrer@gmail.com

INTRODUÇÃO

A última grande crise financeira, que começou a se manifestar em meados de 2007 nos Estados Unidos, afetou inúmeras empresas em todo o mundo, em especial nos Estados Unidos e Europa. Muitas organizações, antes vistas como inabaláveis, sucumbiram à crise. Várias buscaram auxílio junto aos governos para manterem suas operações, como a General Motors e a Ford, garantindo que adaptariam suas operações aos novos tempos. Algumas empresas não conseguiram obter essa ajuda, como o banco Lehman Brothers, que entrou em concordata. Sua falência foi o estopim para que a crise de confiança no mercado financeiro se alastrasse pelo mundo.

A confiança no sistema financeiro ruiu. Ouvia-se na mídia que muitos bancos em todo o mundo sofriam com problemas de liquidez, por terem em seus ativos muitos “títulos podres”, lastreados nos financiamentos imobiliários para a população de baixa renda dos Estados Unidos, que não pagaram suas dívidas. Mas também se ouvia que os bancos brasileiros batiam seus recordes de lucratividade durante o período da crise.

Com tudo isto em mente, este trabalho se propõe a responder a seguinte pergunta: Quais os impactos da crise financeira de 2008/2009 na liquidez, rentabilidade e endividamento dos principais bancos de capital aberto no Brasil?

Para responder esta questão, foi feita a análise econômico-financeira dos quatro maiores bancos de capital aberto do Brasil (Banco do Brasil, Bradesco, Itaú-Unibanco e Santander), de forma individual e comparativa, analisando-se suas demonstrações financeiras dos anos de 2006 a 2009 e alguns indicadores. É apresentado ainda, de forma sucinta, o que foi a crise financeira de 2008/2009.

A motivação para a realização deste artigo é o fato serem poucos os trabalhos que buscam mostrar o impacto da crise sobre os bancos. Com a análise destes quatro bancos, é possível uma razoável visualização de todo o setor. Por serem instituições de capital aberto, permitem diversas análises e comparações com o valor de suas ações no período da crise, servindo aos interesses dos investidores.



São escassos os trabalhos na área contábil que buscam analisar o desempenho dos bancos, e menos ainda os que o fazem sobre a ótica de uma crise econômico-financeira, neste caso, a maior das últimas décadas. Para os estudantes da área, este trabalho é a oportunidade de se aprofundar no estudo da análise das demonstrações financeiras, e também de entender a gênese e o desenvolvimento de uma crise.

Ressalta-se neste trabalho a contabilidade como ferramenta para compreensão da realidade econômica nacional, mostrando um olhar expandido sobre ela, como um instrumento de informação para toda sociedade, e não apenas como uma ferramenta individual de gestão empresarial.

A CRISE FINANCEIRA

A última crise financeira, que atingiu seu ápice na segunda metade de 2008, é a mais grave e severa desde a Crise de 1929. Sendo inicialmente uma crise de inadimplência no mercado imobiliário americano, logo tomou proporções mundiais, tornando-se uma crise sistêmica. A crise financeira teve forte impacto na economia real, gerando desempregos e levando várias empresas à falência.

De acordo com HERMANN (2009, p. 138), “cada crise financeira marca o fim de um ciclo de crescimento econômico e do endividamento...”, e com a crise atual, não foi diferente. A euforia do mercado, com as empresas procurando alavancar cada vez mais suas operações através da compra de várias inovações financeiras, mascarou a “bolha” que se formava.

Foram vários os fatores que, reunidos, contribuíram para o surgimento da crise e sua disseminação a nível global, fatores estes que agora podem parecer claros para os economistas, governos e banqueiros em todo o mundo, mas que não receberam a devida atenção dos mesmos no período embrionário da crise.

Desde o início da década, o sistema financeiro vem oferecendo aos americanos maiores facilidades nos financiamentos para a compra da casa própria, inclusive para a população de renda mais baixa e instável. Os financiamentos possuíam juros progressivos, aumentando a cada prestação. Este crédito oferecido à população de baixa renda é conhecido como *subprime*, concedido a quem não oferece garantias suficientes para se beneficiar de uma taxa de juros mais vantajosa. A garantia destes financiamentos eram os imóveis dos proprietários, que desde a metade do século passado vinham valorizando.

De acordo com SICSÚ (2009, p. 144),

Até o final de 2006, a maior parte dos contratos ainda estava na fase de juros mais baixos (e, portanto, a inadimplência era reduzida). Posteriormente, na fase de juros



mais altos, a prestação elevada não cabia no rendimento dos “sub-cidadãos” [cidadãos de baixa renda] e os empréstimos deixaram de ser validados SICSÚ (2009, p. 144).

Quando se percebeu que essas dívidas não estavam sendo pagas, a maior parte das instituições que tinham posse dos títulos lastreados nestas dívidas decidiu por vendê-los, o que fez com que os valores desses papéis caíssem vertiginosamente, gerando uma crise de liquidez.

Os títulos de alto risco, que remuneravam muito até então, faziam parte do ativo de muitas instituições financeiras nos Estados Unidos. Com a evaporação do valor destes papéis, os ativos diminuía, enquanto o passivo permanecia o mesmo, pois geralmente é vinculado a contratos. Isso tornou o capital de muitas instituições insuficiente para garantir suas operações, o que gerou uma crise patrimonial.

Como havia incerteza sobre a situação do balanço destas instituições, houve um “empocamento da liquidez” em escala mundial. As injeções de liquidez das autoridades monetárias, que tornaram mais flexíveis suas exigências de garantias, não foram suficientes para reverter esta situação. Ninguém emprestava para ninguém, pois havia a desconfiança quanto à situação da instituição tomadora do empréstimo, que poderia estar contaminada com os “títulos podres”.

A crise sistêmica que se espalhou pelo mundo atingiu fortemente a economia brasileira, tanto pela via do comércio exterior como pela via dos fluxos financeiros (FREITAS, 2009). A desvalorização do real, a paralisação dos mercados interbancários e financeiros internacionais e o movimento das empresas em se livrar de seus derivativos cambiais fez com que os bancos contraíssem a oferta de crédito. As instituições financeiras menores foram as que mais sofreram com a preferência pela liquidez dos grandes bancos, pois não tinham uma carteira de clientes suficientes para garantir suas operações.

ANÁLISE

A análise financeira engloba em sua função conjuntos e métodos que permitem realizar diagnósticos sobre a situação financeira da empresa, gerando relatórios ou informações relevantes sobre a viabilidade, estabilidade e lucratividade da empresa, que o administrador ou gerente pode utilizar como apoio à tomada de decisões. (ASSAF, 1998)

A análise financeira e econômica é de suma importância para seus usuários, sendo os principais interessados os gestores, credores, trabalhadores e respectivas organizações, estado, investidores e clientes.



Apesar de possuir vários interessados, de diferentes ramos de atividade, as técnicas utilizadas baseiam-se num mesmo conjunto de informações, extraídas de forma minuciosa das demonstrações contábeis, como o Balanço Patrimonial, a Demonstração de Resultado do Exercício (DRE), a Demonstração de Fluxo de Caixa (DFC) e as Notas Explicativas.

A análise dos bancos pode conter algumas limitações quanto à qualidade das informações contidas nos relatórios. Assim como nas demais instituições, a análise é efetuada sobre os demonstrativos contábeis, avaliados de forma minuciosa, dando ênfase e maior atenção aos indicadores de avaliação que relativamente reflitam o desempenho do banco, indicando seus pontos fortes e débeis. Os principais indicadores utilizados neste trabalho são relativos ao que se pode denominar de “tripé básico” da análise das demonstrações financeiras, que são os de liquidez, rentabilidade e endividamento.

METODOLOGIA

Este trabalho, quanto ao seu objetivo, trata-se de uma pesquisa descritiva, que procura mostrar os impactos da crise financeira mundial sobre a saúde econômico-financeira das instituições pesquisadas.

Para Andrade (2002) a pesquisa descritiva preocupa-se em observar os fatos, registrá-los, analisá-los, classificá-los e interpretá-los, sem que o pesquisador interfira neles. No caso das demonstrações financeiras analisadas, foi feita a reclassificação de algumas contas para que a análise fosse possível, mas isto não altera os dados e os resultados apresentados no mesmo.

Com relação à coleta de dados, foram adotadas a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. A pesquisa bibliográfica, de acordo com Cervo e Bervian (1983), explica um problema a partir de referenciais teóricos publicados em documentos, enquanto a pesquisa documental, segundo Silva e Grigolo (2002), vale-se de materiais que ainda não receberam nenhuma análise aprofundada, buscando-se selecionar, tratar e interpretar a informação bruta a fim de extrair dela algum sentido e gerar algum valor.

Para descrição dos bancos, dos procedimentos e das ferramentas de análise, utilizou-se de livros disponíveis na área. Quanto à descrição da crise financeira, por se tratar de um assunto ainda recente, com poucos livros publicados, foram utilizados artigos de revistas e trabalhos acadêmicos.

A pesquisa documental será necessária para obtermos os dados de cada instituição analisada. Usaremos neste caso as demonstrações financeiras, que foram obtidas no site da Bolsa de Valores de São Paulo (BOVESPA).



Quanto à abordagem do problema, trata-se de uma pesquisa qualitativa. Para Richardson (1999, p. 80), “os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a análise dos bancos, os balanços patrimoniais foram reclassificados da seguinte forma:

- Despesas antecipadas: Foram reclassificadas para o grupo “Patrimônio Líquido”, deduzindo-o.
- Resultados de Exercícios Futuros: Foram reclassificados para o grupo “Patrimônio Líquido”, aumentando-o.

O gráfico a seguir mostra a liquidez geral dos bancos:

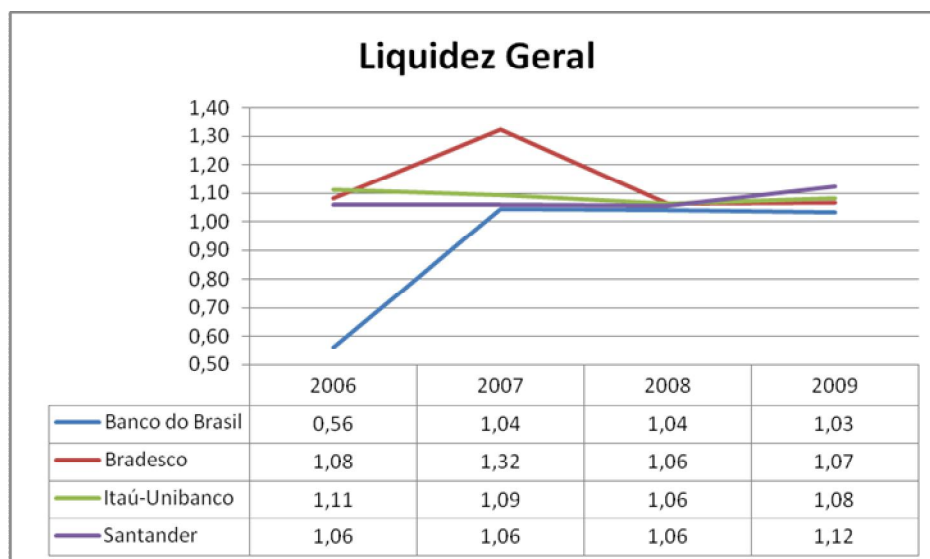


Gráfico 1

É possível observar certa estabilidade ao longo do período analisado, sendo a maior divergência da média referente ao Banco do Brasil, com um aumento da liquidez geral de 2006 para 2007 de 85,71%. O Bradesco teve um aumento deste indicador no ano de 2007, mas nos anos seguintes retornou à sua média. A tendência para os quatro bancos é de estabilidade neste indicador.



O gráfico 2 mostra a relação entre recursos de curto e longo prazos de terceiros:

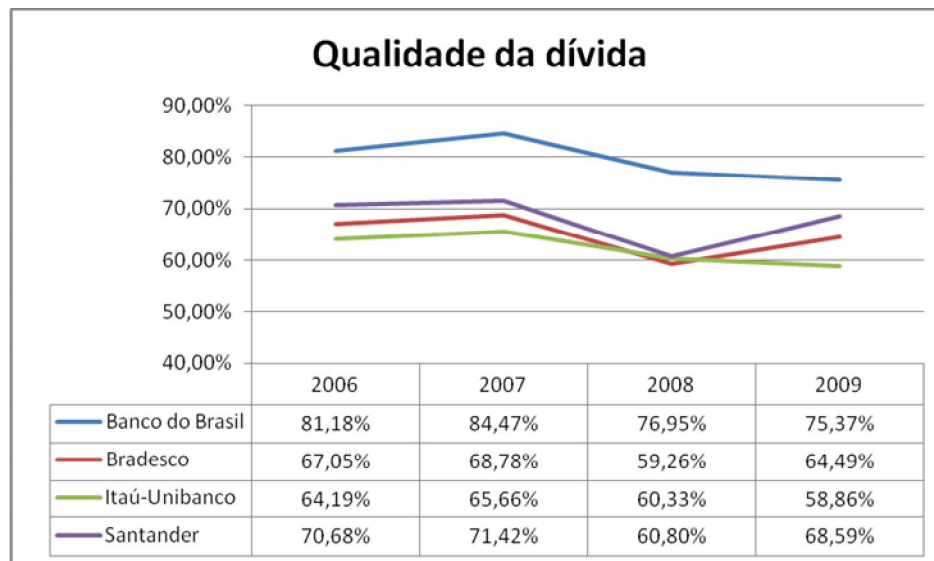


Gráfico 2

Observa-se que em 2008 houve uma queda dos recursos a curto-prazo, motivado talvez pela maior captação de recursos a longo-prazo e pela preferência a liquidez com o estouro da crise, no último trimestre do ano. Quanto menor o percentual calculado, melhor. Porém se nota um crescimento deste índice em 2009 para o Bradesco e o Santander.

A TRI (Taxa de Retorno de Investimento) dos bancos é vista no gráfico 3:

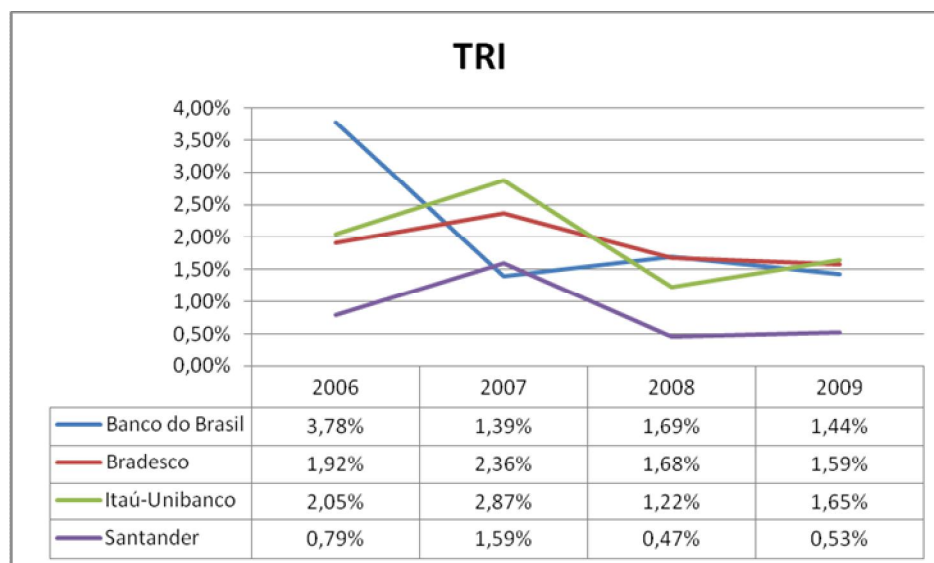


Gráfico 3



Este indicador vinha numa tendência positiva, com excessão do Banco do Brasil, até que em 2008 houve uma queda média de cerca de 38,45% na rentabilidade sobre o ativo em relação ao ano de 2007. A tendência é de crescimento lento e progressivo para os próximo anos.

No gráfico 4 é visto a TRPL (Retorno dos Sócios):

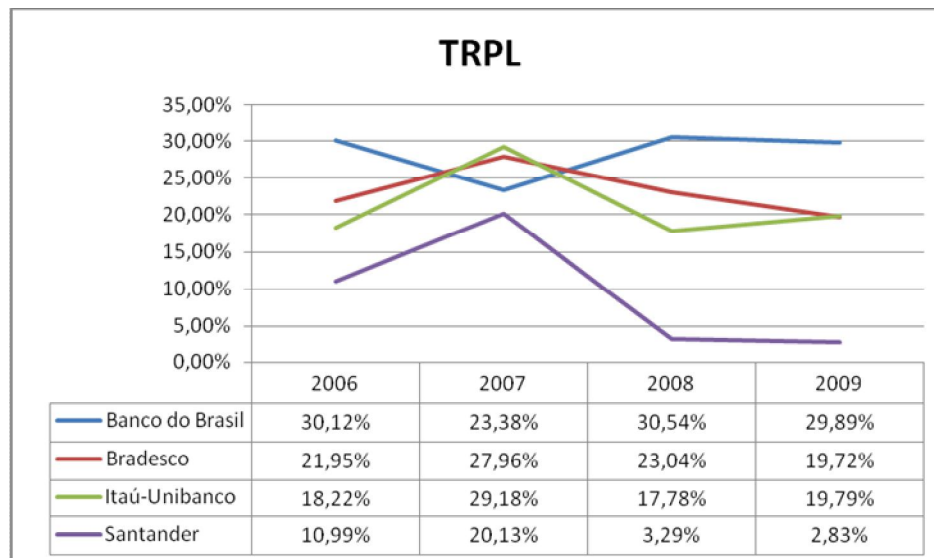


Gráfico 4

Os bancos privados (Bradesco, Itaú Unibanco e Santander) apresentaram queda neste índice no ano de 2008, sendo o destaque, neste caso, o banco Santander, com uma queda aproximada de 83,65%. Isso se deve ao grande aumento do capital social do ano de 2007 para o de 2008, que saltou de R\$ 8.171.600.000,00 para R\$ 46.143.598.000,00.

O gráfico 5 mostra o Lucro Líquido dos bancos. Verifica-se um grande crescimento do ano de 2006 para 2007 nos bancos privados, seguida por uma pequena queda no ano de 2008. Em 2009 o crescimento retornou, mas num ritmo moderado. O Banco do Brasil apresentou queda de 2006 para 2007, porém duplicou seu lucro líquido no ano de 2009, o que nos faz pensar que o governo teve papel importante neste resultado.

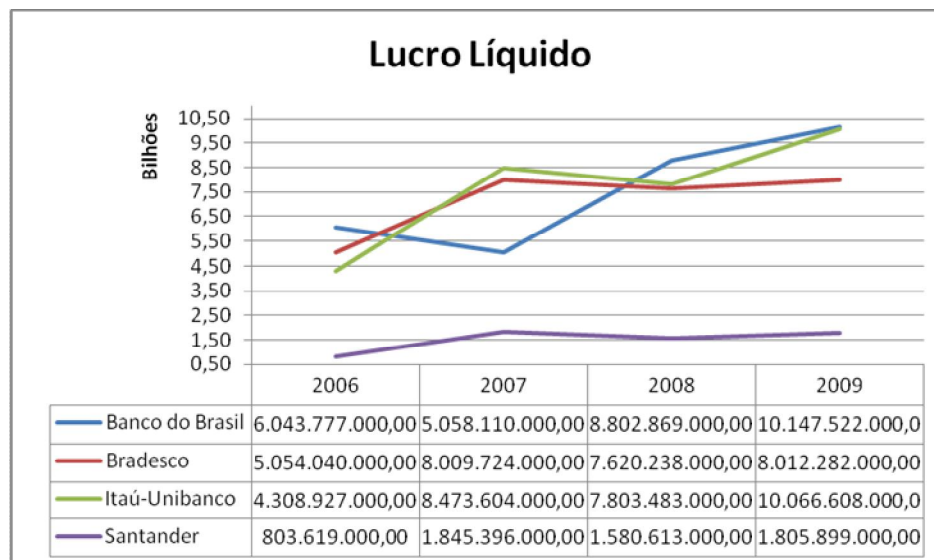


Gráfico 5

No gráfico 6 temos os números desta variação:

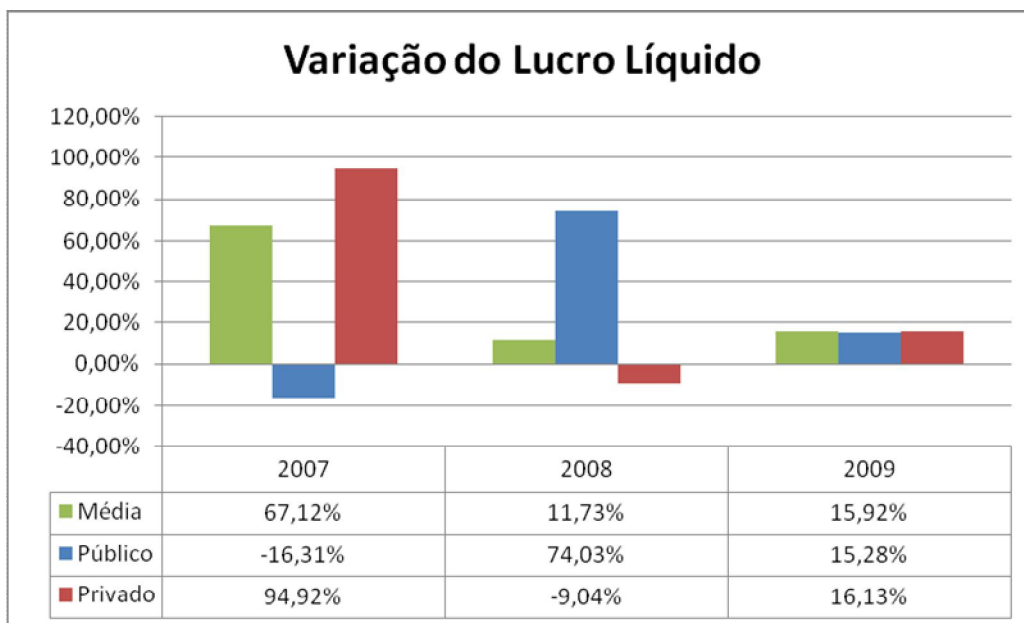


Gráfico 6

A lucro médio dos bancos analisados variou mais de 67% de 2006 para 2007, sendo os bancos privados os maiores responsáveis por este percentual. Já no ano de 2008, ocorreu o inverso: o Banco do Brasil puxou a média para cima, em contraste com a pequena

redução dos lucros nos bancos privados. Em 2009, todos os bancos estudados aumentaram seu lucro numa proporção semelhante.

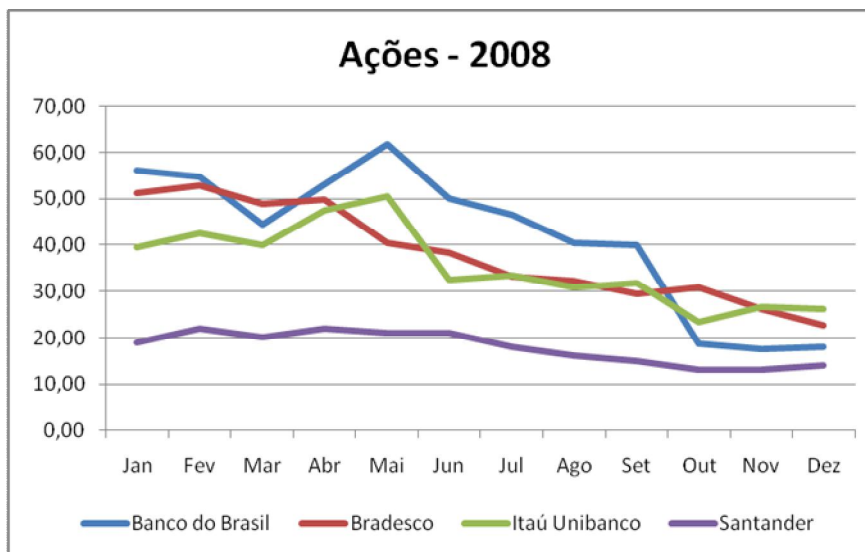


Gráfico 7

O gráfico 7 mostra a tendência de queda das ações dos bancos em análise no ano mais turbulento da crise no Brasil e no mundo, o de 2008. Com a quebra do banco *Lehman Brothers* em outubro, esta queda se intensificou e a recuperação só ocorreu nos meses seguintes, como podemos ver no gráfico 8.

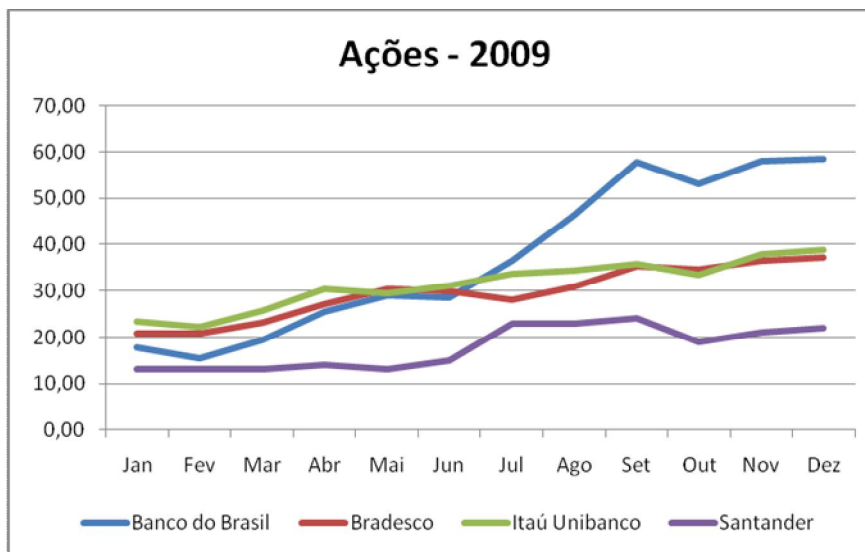


Gráfico 8

Com estes dados, é possível perceber que a relação entre a variação do lucro líquido e a variação do valor das ações não é direta, como é mostrado no gráfico 9:

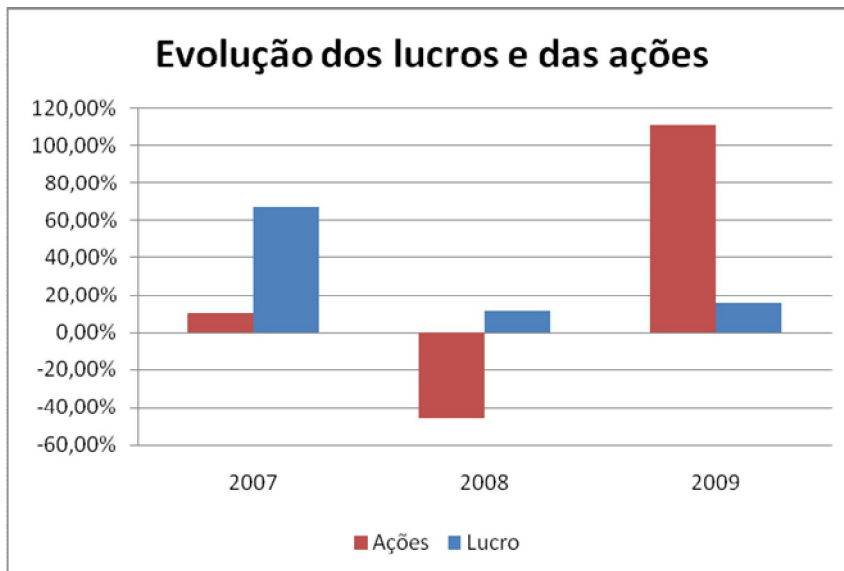


Gráfico 9

Enquanto a variação do lucro no ano de 2008 é positiva, a variação do valor das ações é negativa no mesmo período. É possível observar também que em 2009 as ações cresceram, em relação ao ano anterior, muito mais do que os lucros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou descrever sinteticamente o que foi a crise financeira de 2008/2009 e seu impacto em alguns índices dos bancos Bradesco, Santander, Itaú Unibanco e Banco do Brasil. Observou-se que a liquidez geral pouco variou no período analisado (2006 a 2009). Quanto à qualidade da dívida, ela melhorou em 2008. Nota-se que o Banco do Brasil obtém mais recursos a curto-prazo do que os bancos privados.

O lucro dos bancos analisados pouco foi afetado nos anos de 2008 e 2009, ao contrário do valor de suas ações, que caíram consideravelmente no ano de 2008, em especial no último trimestre, com a quebra do banco americano *Lehman Brothers*. Porém a recuperação se deu em poucos meses, o que mostra o quanto a especulação de mercado e a falta de confiança no sistema financeiro em determinado momento podem afetar negativamente o valor das ações desses bancos, ainda que os fundamentos que regem suas operações sejam sólidos e seus resultados no final do período sejam positivos.



Para a continuidade deste estudo, recomenda-se que em trabalhos futuros sejam analisados outros indicadores, como a carteira de clientes e de operações dos bancos, a número de empregados, a participação de mercado, dentre outros, de forma a dar uma visão mais completa do desempenho dos bancos durante a crise.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

ASSAF, Alexandre N. **Estrutura e análise de balanços: um enfoque econômico financeiro**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

COLLI, Jose Alexandre; FONTANA, Marino. **Contabilidade Bancária**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1990.

FARHI, Maryse, et al. A crise e os desafios para a nova arquitetura financeira internacional. **Revista de Economia Política**. São Paulo: v. 29, n. 1, 01-03/2009.

FREITAS, Maria Cristina Penido de. Os efeitos da crise global no Brasil: aversão ao risco e preferência pela liquidez no mercado de crédito. **Revista Estudos Avançados**. São Paulo: v. 23, n. 66, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HERMANN, Jennifer. Da liberalização à crise financeira norte-americana: a morte anunciada chega ao Paraíso. **Revista de Economia Política**. São Paulo: v. 29, n. 1, 01-03/2009.

MENDONÇA, Ana Rosa Ribeiro de. Regulamentação bancária, gestão de riscos e gestão da desordem financeira. **Revista de Economia Política**. São Paulo: v. 29, n. 1, 01-03/2009.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SICSÚ, João. Para além das políticas de resgate. **Revista de Economia Política**. São Paulo: v. 29, n. 1, 01-03/2009.

SILVA, Marise Borba de; GRIGOLO, Tânia Maris. **Metodologia para iniciação científica à prática da pesquisa e da extensão II**. Caderno Pedagógico. Florianópolis: Udesc, 2002.